

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Matheus Feliciano Silva de Almeida

ÉTICA DAS PAIXÕES: TRAIÇÃO MORAL OU NÃO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Paulo Afonso de Araújo

**JUIZ DE FORA
2023**

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, MATHEUS FELICIANO SILVA DE ALMEIDA, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172058A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ÉTICA DAS PAIXÕES: TRAIÇÃO MORAL OU NÃO**, desenvolvido durante o período de 08/2023 a 12/2023 sob a orientação de PAULO AFONSO DE ARAÚJO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

MATHEUS FELICIANO SILVA DE ALMEIDA

ÉTICA DAS PAIXÕES: TRAIÇÃO MORAL OU NÃO

Matheus Feliciano Silva de Almeida¹

RESUMO

A pesquisa "Ética das Paixões: Traição Moral ou Não" aborda as complexidades éticas da traição em relacionamentos, explorando a interseção entre emoções humanas e princípios morais. Situada na interseção das paixões humanas, entendidas como expressões emotivas complexas, a traição transcende o domínio afetivo para adentrar o território moral. Inspirada na ética aristotélica, que fundamenta a amizade como crucial para o florescimento humano, a pesquisa examina se a traição é uma transgressão moral nesse contexto.

A justificativa para este estudo reside na necessidade de compreender a complexidade ética da traição, transcendendo abordagens meramente emocionais. A pesquisa propõe uma análise aprofundada, utilizando a ética aristotélica como lente teórica para examinar a traição e elucidar se é categorizada como transgressão moral ou requer uma análise matizada das circunstâncias.

Contribuindo para a compreensão das relações interpessoais e ética, o estudo oferece *insights* valiosos para a ética aplicada. Ao explorar as nuances éticas da traição, a pesquisa visa enriquecer o conhecimento existente, lançando luz sobre um tema significativo na experiência humana e nas dinâmicas relacionais contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Amizade. Ética. Moralidade. Paixões.

1. INTRODUÇÃO

No campo da ética, a reflexão sobre a natureza das paixões humanas e seu papel na determinação da moralidade das ações tem sido objeto de consideração há séculos. Aristóteles, um dos pilares fundamentais da tradição filosófica, dedicou parte significativa de sua obra, em especial no "Ética a Nicômaco", à análise das virtudes e dos vícios humanos, e como esses elementos se relacionam com a ética. Neste contexto, o presente trabalho empreende uma investigação no cruzamento entre as "paixões" do indivíduo e o conceito de "traição moral", buscando compreender as complexas interações entre a natureza humana e a ética, à luz da filosofia aristotélica.

Aristóteles, um dos primeiros a sistematizar a ética como disciplina filosófica, postulou que a ação virtuosa é o resultado de um caráter virtuoso e que as emoções desempenham um papel fundamental nessa equação ética. Ele argumentou que as paixões, como o amor, a ira e o medo, não são, em si mesmas, boas ou más, mas podem tornar-se virtuosas ou viciosas dependendo de como são reguladas pela razão e pelo caráter. No entanto, a questão que se apresenta é: até que ponto a traição moral, como uma ação que envolve a quebra de compromissos ou lealdades, pode ser atribuída às paixões humanas?

Neste contexto, este estudo busca explorar a ética das paixões e a sua relação com a traição moral sob a ótica aristotélica, discernindo se a traição é um ato motivado por paixões desordenadas ou se pode ser enquadrada em um contexto ético mais amplo que envolve o julgamento da razão prática e da virtude. Esta análise exige uma imersão nas teorias éticas aristotélicas, uma revisão crítica da literatura pertinente e a aplicação dessas teorias a casos concretos de traição moral.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: . Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Paulo Afonso de Araújo.

A complexidade intrínseca dessa interseção entre paixões humanas e julgamento ético justifica uma investigação aprofundada, uma vez que a traição moral é frequentemente cercada por ambiguidades morais, fazendo com que a sua avaliação se torne um desafio ético. À luz das concepções aristotélicas, esta pesquisa procura não apenas fornecer insights filosóficos sobre a ética das paixões, mas também lançar luz sobre o entendimento das implicações morais da traição e suas ramificações para a conduta humana.

Este estudo será estruturado em consonância com uma abordagem sistemática, incluindo revisão da literatura aristotélica, metodologia de análise e discussão de casos práticos de traição moral. O objetivo é oferecer uma compreensão mais profunda das relações entre emoções humanas e a avaliação ética, contribuindo para o enriquecimento do diálogo acadêmico no campo da ética aplicada e, mais especificamente, da ética aristotélica.

"Ética a Nicômaco", escrito por Aristóteles, é uma das obras mais influentes e duradouras da filosofia ocidental. Este tratado filosófico, composto no século IV a.C., continua a ser lido e discutido hoje, mais de dois milênios após a sua criação. O livro se destaca não apenas pela profundidade de suas análises éticas, mas também pela sua abordagem sistêmica, que influenciou o pensamento moral, político e ético ao longo da história.

A obra é dedicada a Nicômaco, filho de Aristóteles, e é uma exploração minuciosa da moral e da ética, abordando questões fundamentais como a natureza da virtude, o propósito da vida humana e a busca da felicidade. Aristóteles procura entender o que é o bem, não como um conceito abstrato, mas como algo que deve ser alcançado por meio da prática constante e da busca da excelência. Sua famosa definição de virtude como o meio-termo entre extremos é um dos pontos centrais da ética aristotélica. Ele argumenta que o virtuoso é aquele que busca equilibrar suas ações, evitando o excesso e a deficiência, o que resulta em uma vida moral e ética.

Outro aspecto importante da "Ética a Nicômaco" é a noção de que a felicidade é o objetivo último da vida humana. Aristóteles acredita que a busca da felicidade está intrinsecamente ligada à busca da excelência moral, à realização das potencialidades humanas e à vida em comunidade. Ele argumenta que a virtude ética é um caminho para alcançar a eudaimonia, ou uma vida de plenitude, realização e felicidade. Isso contrasta com outras visões éticas, como o hedonismo, que coloca a busca do prazer como o objetivo principal da vida.

2. COMPREENSÃO DE ARISTÓTELES SOBRE A AMIZADE.

A amizade, enquanto fenômeno social, tem sido objeto de reflexão em diversas áreas acadêmicas, transcendendo sua representação popular como mera afinidade entre indivíduos. Na esfera acadêmica, a amizade é explorada sob diversas lentes, desde a filosofia e psicologia até a sociologia, cada disciplina enriquecendo a compreensão deste complexo e intrincado aspecto das relações interpessoais.

Na filosofia, a amizade tem sido um tema recorrente desde os primórdios do pensamento ético. Aristóteles, por exemplo, abordou a amizade em sua ética, destacando-a como uma das formas mais elevadas de relação interpessoal, como visto no trecho do livro "Ética a Nicômaco": *"Depois do que dissemos segue-se naturalmente uma discussão da amizade, visto que ela é uma virtude ou implica virtude, sendo além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens"* (Aristóteles, 1973, VIII p.379). Aristóteles estabelece a premissa central para sua discussão sobre a amizade. Nesse trecho, Aristóteles destaca a importância intrínseca da amizade na vida humana e a sua conexão com a virtude. Ele argumenta que a amizade é uma virtude ou, no mínimo, envolve virtude, e que é uma parte fundamental da existência humana. A afirmação de que "sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens" enfatiza a relevância universal da amizade para o bem-estar humano.

Essa declaração aristotélica aponta para a noção de que a amizade desempenha um papel fundamental na realização da eudaimonia, ou seja, na busca da vida plena e feliz. A eudaimonia é o bem supremo na ética aristotélica, e Aristóteles sugere que a amizade é um meio essencial para alcançá-la. Isso ocorre porque a amizade baseada na virtude envolve um compromisso mútuo com o bem-estar e o desenvolvimento moral dos amigos, incentivando a busca da excelência e da virtude.

A afirmação de que "sem amigos ninguém escolheria viver" também destaca a importância intrínseca da conexão social na vida humana. Aristóteles reconhece que os seres humanos são naturalmente sociais e que a amizade desempenha um papel central na criação de laços significativos e na promoção do bem-estar emocional e moral.

O filósofo grego distingue três principais tipos de amizade, cada um com características distintas que desempenham papéis diversos nas relações humanas e no desenvolvimento da virtude, os três tipos de amizade são: utilitária, prazer e virtuosa.

2.1 Amizade utilitária.

Aristóteles está apontando que a amizade utilitária é aquela na qual as pessoas estão conectadas não por um apreço mútuo intrínseco, mas sim por interesses práticos e benefícios mútuos, como visto no trecho “Ora, os que se amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmos, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro.”(Aristóteles, 1973, VIII, p.381). As amizades utilitárias são baseadas na conveniência e na obtenção de vantagens materiais, como com parceiros de negócios ou colegas de trabalho. Essas amizades são instrumentais, onde as pessoas se aproximam não pelo que são, mas pelo que podem oferecer umas às outras.

Já no trecho “Logo, os que amam por causa da utilidade, amam pelo que é bom para eles mesmos”(Aristóteles, 1973, VIII p.381), Aristóteles ressalta que, nesse tipo de amizade, as pessoas amam o que é benéfico para elas próprias. Em outras palavras, a amizade utilitária é impulsionada principalmente pelo desejo de obter algo de valor próprio a partir do relacionamento, seja isso favores, apoio financeiro ou outras vantagens práticas. Elas amam o que é benéfico para si mesmas, mas não necessariamente se preocupam profundamente com o bem-estar ou a virtude do outro.

2.2 Amizade prazerosa

A amizade baseada no prazer não surge do apreço pelo caráter ou virtude das pessoas envolvidas, mas sim do prazer que elas proporcionam, como afirma Aristóteles: “Idêntica coisa se pode dizer dos que se amam por causa do prazer; não é devido ao caráter que os homens amam as pessoas espirituosas, mas porque as acham agradáveis”(ética a Nicômaco, VIII p.381). Pessoas que têm essa forma de amizade são atraídas umas pelas outras devido à sua capacidade de proporcionar satisfação pessoal ou entretenimento, como apreciar a companhia de alguém engraçado. Nesse tipo de amizade, o prazer é o motivo central da ligação, e as relações podem ser efêmeras, uma vez que o prazer pode ser fugaz, Bauman (2004, p. 78) trás um pensamento contemporâneo sobre essa temática dizendo “as relações na atualidade não estão somente baseadas no prazer, mas também no impulso”

Dando sequência na argumentação o filósofo grego continua a definição da amizade prazerosa “e os que amam por causa do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles, e não na medida em que o outro é a pessoa amada, mas na medida em que é útil ou agradável.” (Aristóteles, 1973, VIII p.381), na amizade baseada no prazer, o foco está no que é agradável para o próprio indivíduo. As pessoas não amam o outro pelo que ele é como pessoa, mas sim na medida em que proporcionam prazer. Portanto, as relações são transacionais, baseadas em interesses pessoais e temporais.

“De forma que essas amizades são apenas acidentais, pois a pessoa amada não é amada por ser o homem que é, mas porque proporciona algum bem ou prazer. Eis por que tais amizades se dissolvem facilmente, se as partes não permanecem iguais a si mesmas: com efeito, se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la.” (Aristóteles, 1973, VIII p.381)

Nesse trecho, Aristóteles ressalta a ideia de que essas amizades são contingentes, uma vez que não se baseiam na apreciação intrínseca das virtudes ou da essência do outro indivíduo, mas sim na utilidade ou no prazer que esse outro proporciona.

O autor argumenta que essas amizades são, em última instância, "apenas acidentais" porque a pessoa amada não é amada pelo que ela é como indivíduo, mas sim por sua capacidade de fornecer algum benefício ou satisfação. Essa falta de um vínculo profundo com a essência da pessoa torna essas amizades vulneráveis a mudanças nas circunstâncias. Se uma das partes deixar de ser agradável ou útil, a amizade tende a se desfazer. A efemeridade dessas amizades é evidenciada pela sua fragilidade, pois são motivadas principalmente por interesses pessoais em vez de uma apreciação genuína do caráter e da pessoa do amigo.

2.3 Amizade virtuosa.

No trecho “A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos.” (Aristóteles, 1973, VIII p.381), Aristóteles está destacando que a amizade perfeita ocorre entre indivíduos que são intrinsecamente bons e virtuosos, e que essa bondade não se baseia apenas no que os amigos podem oferecer um ao outro em termos de utilidade ou prazer, mas sim no apreço mútuo pela virtude e pelo caráter do outro.

O filósofo argumenta que os amigos que são bons e virtuosos desejam o bem um ao outro de forma incondicional, pois sua amizade não é influenciada por interesses egoístas ou transacionais. Em vez disso, eles compartilham valores éticos semelhantes e se apoiam na busca da excelência moral. A amizade perfeita, portanto, é baseada na busca do bem comum e na promoção do bem-estar e do desenvolvimento mútuo.

Esse trecho ressalta a profundidade e a nobreza da amizade virtuosa, conforme entendida por Aristóteles. Ele argumenta que a amizade perfeita não é apenas um relacionamento pessoal, mas também um meio para alcançar a eudaimonia, a vida de plenitude e realização. A amizade entre pessoas virtuosas é vista como um dos maiores bens da vida e uma parte essencial da vida ética, o filósofo grego afirma: “Uma tal amizade é, como seria de esperar, permanente, já que eles encontram um no outro todas as qualidades que os amigos devem possuir.” (Aristóteles, 1973, VIII p.382).

A razão pela qual essa amizade é considerada permanente reside no fato de que amigos virtuosos encontram em seus relacionamentos todas as qualidades que são essenciais para uma amizade verdadeira e duradoura. Isso inclui a afinidade moral, o respeito mútuo, o compromisso com o bem-estar e o desenvolvimento mútuo, e a busca da excelência moral. Aristóteles sugere que a amizade entre pessoas virtuosas é construída sobre um alicerce sólido, pois elas compartilham valores éticos semelhantes e se apoiam mutuamente em sua jornada em direção à virtude. Essa amizade é caracterizada pela reciprocidade, onde ambos os amigos desejam o bem um ao outro de forma igual e genuína.

Além disso, a noção de que a amizade perfeita é permanente tem implicações profundas para a compreensão da eudaimonia, ou seja, a busca da vida plena e feliz. Aristóteles argumenta que a amizade virtuosa é um dos maiores bens da vida, contribuindo significativamente para a realização da eudaimonia.

Aristóteles oferece uma visão profunda e abrangente da amizade, abordando diferentes tipos de amizades e destacando a importância da amizade virtuosa. Aristóteles reconhece a presença de amizades baseadas na utilidade e no prazer, que são muitas vezes condicionais e efêmeras, motivadas por interesses pessoais e benefícios mútuos. No entanto, ele argumenta que a amizade verdadeira, ou amizade perfeita, ocorre entre indivíduos virtuosos que compartilham afinidade na virtude e desejam o bem um ao outro de forma igual e genuína.

O filósofo oferece *insights* valiosos para a ética e a filosofia moral. Ela ressalta a importância das relações humanas construídas sobre virtude e excelência moral, além de destacar a relevância da amizade na busca da vida ética e da felicidade. A análise aristotélica da amizade continua a ser uma referência influente no campo da filosofia e da ética, e suas ideias permanecem relevantes para a compreensão das relações humanas e da busca da boa vida.

3. AMIZADE ENTRE BONS E MAUS.

No debate gerado dentro do assunto da amizade e seus três tipos existentes, uma das perguntas que podem surgir é como fica definido a relação de amizade entre os dois tipos de homens existentes, bons e maus, será possível que o vínculo afetivo entre essas duas espécies existiria algum vínculo afetivo? Homens bons são classificados em Aristóteles como aqueles assíduos à retidão, incensurável e virtuoso, enquanto os homens maus são desesperados pelo prazer imediato e definidos pela falta de autocontrole.

A relação de amizade entre bons e maus existe dentro da utilidade, onde duas pessoas se associam para alcançar objetivos práticos, ou na busca do prazer, onde compartilham atividades agradáveis, mas nunca vai ocorrer uma existência entre esses de uma amizade virtuosa visto que “só os homens bons podem ser amigos. Com efeito, os maus não se deleitam com o convívio uns dos outros, a não ser que essa relação lhes traga alguma vantagem.” (Aristóteles, 1973, VIII, p.383).

3.1 Amizade entre bons

A amizade entre homens bons, na concepção aristotélica, é fundamentada na virtude, e não meramente em interesses utilitários ou prazeres momentâneos, entende a virtude como um hábito adquirido, um modo consistente de agir moralmente correto, e reconhece que tal virtude é rara e difícil de ser encontrada. Portanto, quando homens virtuosos se tornam amigos, essa amizade é marcada pela apreciação das qualidades éticas do outro, construindo uma relação baseada na excelência moral.

A reciprocidade na virtude é um elemento crucial na amizade aristotélica. Os amigos virtuosos admiram e buscam aperfeiçoar as virtudes um do outro. “A amizade de pessoas boas inclui também o útil e o agradável.” (Wolf, amizade p.228) mas não é apenas um relacionamento de conveniência ou prazer, mas sim uma união profunda e significativa na busca da excelência moral e do florescimento humano. Os amigos virtuosos, ao compartilharem uma vida guiada pela virtude, colaboram na realização do bem comum, contribuindo para o desenvolvimento ético e a eudaimonia, ou felicidade plena.

Destaca-se que a amizade entre homens bons é duradoura, resistindo às adversidades e desafios, pois é fundamentada em valores eternos e na aspiração comum à virtude. Essa forma de amizade transcende as categorias de utilidade ou prazer, estabelecendo-se como uma ligação intrinsecamente valiosa e moralmente significativa.

4. CLASSIFICAÇÃO DE RELACIONAMENTO ROMÂNTICO

A amizade virtuosa, conforme Aristóteles, transcende mera afinidade de interesses utilitários ou prazeres efêmeros, destacando-se por um mútuo apreço pelas virtudes morais. No contexto dos relacionamentos românticos, os parceiros compartilham valores, princípios e objetivos éticos, estabelecendo uma união fundamentada na busca conjunta pela excelência moral.

Aristóteles concebe a amizade baseada na virtude como a forma mais elevada e duradoura de amizade, pois vai além dos aspectos pragmáticos e dos prazeres momentâneos. Nesse contexto, o compromisso conjunto com a realização da eudaimonia, a verdadeira felicidade alcançada por meio da prática da virtude, serve como fundamento para a relação.

Assim, enquanto reconhecemos que os outros tipos de amizade, tais como a utilitária e a do prazer, podem coexistir em diferentes esferas dos relacionamentos conjugais, é imperativo considerar que a amizade baseada na virtude emerge como a categoria mais completa e significativa, refletindo a profundidade ética e a durabilidade inerente às relações entre casais. Este entendimento oferece um arcabouço conceitual enriquecedor para a análise de tais relações no contexto da ética aristotélica.

Um relacionamento amoroso, na esfera acadêmica, pode ser conceituado como uma forma complexa de interação interpessoal entre dois indivíduos, caracterizada por uma série de vínculos emocionais, afetivos e, muitas vezes, sexuais. Este tipo de relacionamento transcende as fronteiras de interações superficiais, manifestando-se como uma união mais profunda e significativa, marcada por elementos como a intimidade, comprometimento, confiança e a compartilhada busca pela realização emocional e, em algumas culturas, até mesmo reprodutiva.

Na perspectiva sociológica, um relacionamento amoroso é frequentemente visto como uma instituição social que reflete e é moldada por normas culturais, valores sociais e expectativas comunitárias. Essa dinâmica social influencia não apenas a forma como os relacionamentos são estabelecidos, mas também as normas e padrões comportamentais que regem o seu desenvolvimento e manutenção.

Do ponto de vista psicológico, os relacionamentos amorosos podem ser analisados à luz de teorias que exploram os aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais envolvidos. Teorias do apego, por exemplo, destacam a importância dos laços emocionais na formação e estabilidade dos relacionamentos amorosos, enquanto teorias cognitivas examinam as percepções e processos mentais subjacentes à construção e manutenção dessas relações.

Na análise filosófica pode aprofundar a compreensão do relacionamento amoroso ao explorar conceitos éticos e existenciais associados a essa forma de interação. Aristóteles, por exemplo, abordaria a qualidade da amizade dentro do relacionamento, enquanto pensadores existencialistas como Jean-Paul Sartre podem examinar a natureza da liberdade individual e autenticidade no contexto amoroso.

Em suma, um relacionamento amoroso, do ponto de vista acadêmico, é uma construção multifacetada que demanda a integração de diversas disciplinas para uma compreensão completa. Esta

abordagem holística permite uma análise mais aprofundada das dimensões sociais, psicológicas, filosóficas e culturais que permeiam essa complexa manifestação da interação humana.

5. DEFINIÇÃO DE TRAIÇÃO

A traição, objeto de análise filosófica e psicológica, se revela como um fenômeno intrincado que transcende as fronteiras do comportamento humano. No contexto filosófico, a traição é interpretada como uma transgressão ética que lança luz sobre as complexidades das relações humanas e a estrutura moral que as sustenta.

Aristóteles, ao fundamentar sua ética na amizade e lealdade, considera a traição como uma violação direta dessas virtudes fundamentais. Para o filósofo grego, a amizade é um pilar essencial para uma vida ética, e a traição emerge como uma quebra dessa confiança, abalando as bases da convivência social. Em seu pensamento, a traição não é meramente uma transgressão individual, mas uma afronta à ordem ética que sustenta as relações humanas.

Contudo, a análise existencialista de Sartre acrescenta uma camada mais profunda à compreensão da traição. Sartre argumenta que é a alma que trai, não o corpo, e que a traição muitas vezes é resultado da luta entre a liberdade individual e as restrições sociais. Nesse contexto, a traição não é apenas uma quebra de lealdade, mas uma expressão da busca pela autenticidade e liberdade, mesmo que isso signifique desafiar as normas éticas estabelecidas.

O líder espiritual judeu, Nilton Bonder, afirma que:

"É a alma que trai, e não o corpo (...) Para sobreviver num lugar que não era seu hábitat, o corpo criou a moral como meio de se proteger. Essa proteção criou-lhe roupas para cobrir a nudez (...) todas as vezes em que o corpo insiste em recitar o éden seguindo apenas seu desejo a alma contra-ataca com sua imoralidade".(Bonder, 1998)

De forma a ressoar com a perspectiva sartreana. A traição, nesse contexto, é uma resposta da alma à moralidade imposta pelo corpo para sobreviver em uma sociedade que nem sempre reflete seu verdadeiro habitat.

Na esfera psicológica, a traição assume nuances complexas. A psicologia evolutiva sugere que a traição pode ter raízes em estratégias de sobrevivência e reprodução, enquanto a psicologia social explora como fatores sociais e culturais influenciam o comportamento traidor. A psicanálise, por sua vez, investiga as motivações inconscientes por trás da traição, destacando conflitos internos que podem se manifestar nas relações interpessoais.

Em suma, a traição, quando abordada sob o prisma filosófico e psicológico, emerge como um fenômeno multifacetado, revelando não apenas a complexidade das relações humanas, mas também as intrincadas dinâmicas entre a liberdade individual, ética e psique. Essas análises oferecem uma compreensão mais abrangente da traição, enriquecendo o debate acadêmico sobre a natureza humana e suas complexidades morais e psicológicas.

6. TRAIÇÃO DENTRO DO RELACIONAMENTO AMOROSO

A traição entre casais, dentro de um contexto acadêmico, é objeto de análise que abrange uma gama diversificada de disciplinas, incluindo ética, psicologia, sociologia e filosofia. Este fenômeno complexo é percebido através de diferentes lentes teóricas, refletindo a intrincada intersecção de fatores emocionais, sociais e culturais que contribuem para a compreensão e interpretação da traição no âmbito conjugal.

Sob uma perspectiva ética, a traição entre casais é frequentemente considerada uma violação das normas morais e éticas que sustentam a confiança e a lealdade no compromisso conjugal. Fundamentada em princípios éticos que variam desde a ética aristotélica, que destaca a importância da amizade e da lealdade, até a ética kantiana, centrada no dever e respeito mútuo, a traição é frequentemente percebida como uma transgressão que abala os fundamentos éticos do relacionamento.

A traição é abordada considerando-se as dinâmicas emocionais envolvidas. A teoria do apego, por exemplo, explora como a traição pode impactar a segurança emocional e os laços afetivos entre parceiros.

Além disso, teorias cognitivas analisam as motivações subjacentes à traição, incluindo fatores como insatisfação emocional, busca por novidade e impulsos inconscientes, fornecendo uma compreensão mais profunda das complexidades psicológicas envolvidas.

O adultério entre casais é contextualizado nas normas culturais, sociais e históricas que moldam as expectativas em torno da fidelidade. Mudanças nas estruturas familiares, evolução dos papéis de gênero e influências midiáticas são fatores que moldam a percepção social da traição, resultando em variações culturais nas atitudes e reações frente a esse comportamento.

Na incursão da análise aristotélica sobre a traição em relacionamentos românticos, é imperativo mergulhar mais profundamente nos preceitos éticos delineados pelo filósofo grego em sua "Ética a Nicômaco". A abordagem aristotélica da moralidade, centrada na busca da virtude, na confiança mútua e na realização da eudaimonia, proporciona um substrato conceitual robusto para a compreensão da traição como um fenômeno moralmente questionável.

Aristóteles conceitua a amizade virtuosa como a forma mais elevada de amizade, caracterizada pela apreciação recíproca das virtudes morais dos envolvidos. Nesse contexto, a traição se configura como uma quebra da confiança essencial à amizade virtuosa. A confiança, para Aristóteles, é um elemento vital nas relações humanas, sendo a traição percebida como uma violação significativa desse princípio fundamental. Em conjunção ao pensamento aristotélico, Pittman afirma que: "A infidelidade representa justamente o rompimento desse contrato afetivo implícito ou explícito existente entre os parceiros durante o casamento ou o namoro" (Pittman, 1994), implicando, portanto, um comportamento moralmente censurável.

A ética aristotélica, pautada na busca incessante pela virtude como meio para atingir a eudaimonia, adquire um matiz particular quando aplicada à traição. A traição, ao envolver a prática de comportamentos que contrariam os princípios éticos da virtude, é vista como prejudicial à consecução desse objetivo maior de bem-estar humano. "O termo infidelidade abriga uma enorme variedade de situações, podendo variar de um episódio a vários, de um único encontro até a manutenção de casos que chegam a durar anos" (Sattler, 2002). Desse modo, a traição é percebida como uma escolha que desvia o agente do caminho ético preconizado por Aristóteles em direção à verdadeira felicidade.

Além disso, a ética aristotélica, ao dar destaque ao bem comum como um elemento crucial, proporciona uma lente interpretativa para avaliar a traição. Nesse sentido, a traição, ao causar danos à relação e à confiança mútua, pode ser interpretada como prejudicial ao bem comum do relacionamento. Este entendido do bem comum, concebido como o florescimento conjunto e a realização ética, intensifica a dimensão moralmente questionável da traição, uma vez que se contrapõe ao princípio aristotélico da harmonia e prosperidade conjuntas.

Consequentemente, sob a égide aristotélica, a traição em relacionamentos românticos emerge como uma afronta à integridade ética, sendo categorizada como moralmente negativa. Entretanto, é crucial sublinhar que a avaliação moral precisa e contextualizada demanda uma análise metódica das circunstâncias específicas e das intenções subjacentes ao ato traçoeiro. Essa análise refinada não apenas contribui para uma compreensão mais aprofundada da traição à luz da ética aristotélica, mas também estabelece bases sólidas para investigações mais detalhadas e aprofundadas nesse domínio ético complexo.

7. TRAIÇÃO COMO DESAFIO ÉTICO

A traição, invariavelmente, emerge como um dos desafios éticos mais complexos no âmbito das relações amorosas, convocando uma reflexão cuidadosa sobre a natureza variável da moralidade e a delicada tessitura das emoções humanas. Este tópico visa explorar se a traição pode, em determinadas circunstâncias, ser justificada eticamente, além de examinar as diferentes perspectivas sobre a gravidade desse comportamento em comparação a outras transgressões nas relações amorosas.

Na abordagem ética, a questão da justificativa moral para a traição desafia os preceitos convencionais de lealdade e fidelidade. Será que circunstâncias excepcionais, como insatisfação crônica ou necessidades emocionais não atendidas, podem proporcionar uma justificativa ética para a traição? A ética aristotélica, por exemplo, fundamentada na busca pela excelência moral, confronta-se com a ideia de que, em alguns casos, a traição pode ser percebida como uma tentativa de buscar a própria realização moral.

A perspectiva contemporânea, moldada por transformações sociais e novas interpretações das relações amorosas, também é um ponto crucial de análise. A evolução das normas culturais pode influenciar as atitudes em relação à traição, suscitando questionamentos sobre se a sociedade contemporânea está se movendo em direção a uma compreensão mais flexível e contextualizada da ética das paixões.

O estudo da traição como desafio ético também demanda uma análise comparativa, confrontando-a com outras transgressões nas relações amorosas. Como a traição se posiciona em relação a mentiras, omissões ou outros comportamentos que desafiam a ética do relacionamento? Essa comparação pode revelar nuances éticas importantes, proporcionando *insights* sobre como diferentes violações são percebidas e avaliadas no contexto dos relacionamentos amorosos.

A análise ética da traição como desafio ético requer uma investigação profunda das justificativas propostas por aqueles que a defendem em circunstâncias específicas. Isso envolve uma exploração das motivações individuais, das dinâmicas de poder nas relações e da influência de fatores externos nas escolhas éticas dos envolvidos. Através dessa análise, busca-se compreender se a traição pode, de alguma forma, representar uma busca legítima pela felicidade individual ou se permanece irremediavelmente atrelada a uma violação inaceitável dos princípios éticos fundamentais das relações amorosas.

Em síntese, este tópico desafia a concepção convencional da traição, incitando uma análise meticulosa sobre a complexidade ética inerente a esse fenômeno. Ao confrontar questões sobre justificação moral e avaliação comparativa, almeja-se oferecer uma compreensão mais abrangente da traição como um desafio ético nas relações amorosas contemporâneas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão desta investigação sobre a traição em relacionamentos românticos sob a perspectiva da ética aristotélica, emerge uma compreensão profunda e matizada da complexidade ética intrínseca a esse fenômeno humano. Ao adentrar o universo conceitual de Aristóteles, notamos que sua "Ética a Nicômaco" fornece um arcabouço sólido, fundamentado na virtude, na confiança mútua e na incessante busca pela eudaimonia, para analisar a traição como um comportamento de natureza moralmente questionável.

O paradigma aristotélico de amizade, em seus distintos matizes, oferece uma lente única para avaliar as dinâmicas complexas da traição. Aristóteles categoriza a amizade em três tipos principais: aquela baseada na utilidade mútua, no prazer mútuo e, fundamentalmente, na virtude. Esta última, a amizade virtuosa, eleva-se como o pináculo ético, destacando-se pela apreciação mútua das virtudes morais e pela colaboração na busca da excelência ética.

A traição, sob a luz da amizade virtuosa, é interpretada como uma transgressão profunda e intrínseca aos princípios éticos que regem as relações humanas pautadas na virtude. A confiança, elemento primordial dessa forma superior de amizade, torna-se um ponto fulcral na avaliação da traição, sendo percebida como uma violação significativa e moralmente reprovável.

No cerne da ética aristotélica, a traição é considerada prejudicial à busca constante pela virtude, representando um desvio que compromete o florescimento humano e a realização ética. Aristóteles concebe a virtude não como uma abstração teórica, mas como um compromisso prático com o desenvolvimento ético contínuo. Nesse contexto, a traição é encarada como uma deslealdade não apenas aos indivíduos envolvidos, mas também aos princípios éticos fundamentais que fomentam o bem-estar humano e a aspiração coletiva pela eudaimonia.

Além disso, ao considerar o bem comum, princípio que permeia a ética aristotélica, a traição emerge como prejudicial ao florescimento conjunto e à realização ética. A análise ética da traição sob essa perspectiva ressalta a sua dimensão moralmente questionável ao conflitar com os princípios éticos que fundamentam a harmonia e a prosperidade coletiva.

Concluindo, esta pesquisa proporcionou uma exploração aprofundada das implicações éticas da traição à luz da ética aristotélica, destacando a importância da amizade virtuosa, da confiança e da busca pela virtude na análise desse fenômeno. Contribuindo para o entendimento da ética aristotélica na contemporaneidade, esta pesquisa se insere no cenário mais amplo das discussões sobre ética aplicada, lançando luz sobre questões morais complexas que permeiam as interações humanas. Este estudo, ao delinear as nuances éticas da traição, abre portas para futuras investigações e reflexões no campo da ética e das relações interpessoais.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v.4.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BONDER, 1998, Entrevista para Revista Época. Disponível em: http://www.niltonbonder.com.br/Port/entrevistas/1998_07 .htm. Acesso em 24 de novembro de 2023)

PITTMAN, F. (1994). **Mentiras privadas: A infidelidade e a traição da intimidade** (V. A. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.

SATTLER, M. K. (2002, novembro). **A fidelidade saiu de moda? Pensando Famílias**, 4, 49-55.

WOLF, Ursula. **A Ética Nicômaco de Aristóteles**. São Paulo: Loyola 2016.